

## PAPEL ÉTICO-POLÍTICO DO CONHECIMENTO EM GRAMSCI

WEYMAR, Francine Couto de Oliveira - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
Sul-rio-grandense  
ROSA, Fátima Barcellos da - Programa de Pós-Graduação em Educação  
FREITAS, Luciane Albernaz de Araujo - Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia

### RESUMO:

No presente artigo propõe-se a trabalhar a partir da teoria gramsciana, principalmente no que se refere à centralidade do papel ético-político do conhecimento como instrumento de contra hegemonia para superação do modelo civilizatório hegemônico. Sendo assim, o autor tendo como referência os estudos marxistas da estrutura e dos meios de produção da sociedade desenvolve sua teoria analisando profundamente os aspectos da superestrutura. Ocupa-se da análise do emaranhado de relações construídas e estabelecidas entre ideologia e cultura e suas articulações com a estrutura econômica. Constata que as ideologias e valores da classe dirigente são disseminados pelos aparelhos privados de hegemonia para manutenção do bloco histórico, ressalta assim, que as classes subalternas têm concepção de homem e de mundo construídas a partir de interesses da classe burguesa. Nesse sentido, o autor propõe a superação desse modelo civilizatório e para isso enfatiza a necessidade de superação da visão de mundo fragmentária e desarticulada das classes subalternas possibilitando uma reforma intelectual e moral da referida classe que passaria a assumir princípios que atendam suas reais necessidades promovendo desse modo a transformação do modelo civilizatório hegemônico.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Filosofia da Práxis. Contra hegemonia

**ABSTRACT:** In the present article it is considered to work it from the gramsciana theory, mainly as for the centrality of the paper ethical-politician of the knowledge as instrument of against hegemony for overcoming of the hegemonic civilizatorio model. Being thus, the author having as reference the marxist studies of the structure and the means of production of the society develops its theory analyzing deeply the aspects of the superstructure. One occupies of the analysis of the confusion of relations constructed and established between ideology and culture and its joints with the economic structure. It evidences that the ideologies and values of the leading classroom are spread by the private devices of hegemony for maintenance of the historical block, highlights out thus, that the subordinate classrooms have conception of constructed man and world from interests of the bourgeois classroom. In this direction, the author considers the overcoming of this civilizatorio model and for this he emphasizes the necessity of overcoming of the vision of world fragmentary and disarticulated of the subordinate classrooms making possible an intellectual and moral reform of the related classroom that would start to assume principles that in this manner take care of to its real necessities promoting the transformation of the hegemonic civilizatorio model.

**Keywords:** Knowledge. Philosophy of the Práxis. Against hegemony

## 1 INTRODUÇÃO

Durante anos, Gramsci dedica-se a registrar seus estudos que resultam em 33 cadernos. "Os Cadernos do Cárcere", que só foram publicados após sua morte, constituem importante trabalho de aplicação do método do materialismo histórico na análise de situações concretas. Baseada nos pressupostos metodológicos da teoria social de Marx, sua reflexão trabalha "o real, a partir de categorias que se elevam do abstrato ao concreto, da aparência à essência, do singular ao universal e vice-versa" (SIMIONATTO, 1999, p. 35). Desta maneira, vai interpretando o movimento das relações e contradições que dão forma à sociedade.

Gramsci tem nos pressupostos formulados por Marx o fio condutor de sua proposta revolucionária, no entanto explora novos campos de pesquisa. Em sua obra, conforme salienta Coutinho (1999, p. 1), estabelece com Marx e Lênin uma relação dialética de conservação/renovação. Desta forma, o pensador sardo trabalha na perspectiva de elaborar conceitos que auxiliem a classe operária e seus intelectuais a realizarem a revolução do proletariado. Trilhando um caminho original em relação à maioria dos teóricos, os quais têm na análise das relações entre a política e a economia, Gramsci dedicou atenção especial a cultura e as questões ideológicas. Neste contexto o autor ocupa-se da educação, dando ao conhecimento um aspecto ético-político. Segundo as análises do pensador italiano o conhecimento pode ser compreendido como arma para garantir a hegemonia burguesa, podendo, porém ser utilizada como ferramenta na luta contra hegemônica. Tendo presente esta vinculação entre política e conhecimento este artigo busca problematizar o papel que esta relação desempenha no processo que visa à superação do modelo civilizatório vigente. A escolha da presente temática se faz pertinente por vincular-se diretamente a nossas realizadas junto ao Mestrado Profissional de Educação e Tecnologia do Instituto Sul-Rio-Grandense - Campus Pelotas. Inicia-se abordando *Hegemonia e Contra Hegemonia*, após passa-se ao tema *Conhecimento como Instrumento de Contra Hegemonia*. Por fim, apresentam-se as *Considerações Finais* e as *Referências*.

## 2 HEGEMONIA E CONTRA HEGEMONIA

Em seus estudos carcerários Gramsci se propõe a construção de uma teoria da revolução do proletariado, com vistas a superar a consolidação do bloco histórico capitalista que se

estrutura a partir da hegemonia da burguesia, efetivada no final do século XIX e início do século XX. O pensador sardo se detém a analisar a lógica da produção material que se instaura com o fordismo, percebendo que esta para se consolidar organiza-se a partir de estratégias que estão para além das questões econômicas, abarcando o complexo superestrutural.

O bloco histórico capitalista se estrutura e sedimenta-se a partir de transformações expressivas, principalmente nas relações sociais de produção, desencadeando assim a consolidação da hegemonia burguesa, Gramsci focou seus estudos sobre essas modificações. Desta forma, se dedica à análise de conceitos que podem ser compreendidos como essenciais para o entendimento de sua teoria da revolução do proletariado, tais como: bloco histórico, sociedade política, sociedade civil, ideologia, hegemonia, senso comum, bom senso, filosofia da práxis, entre outros. Torna-se importante esclarecer que tais conceitos fazem parte de um todo orgânico, onde os conceitos se articulam e se inter-relacionam, enriquecendo a análise da ciência política.

Para que se possa avançar na compreensão da consolidação da hegemonia burguesa e, sobretudo na proposta contra hegemônica do pensador sardo faz-se premente buscar o entendimento do conceito de bloco histórico, considerado por Portelli como “o conceito-chave do pensamento gramsciano” (2002, p. 13). Este se caracteriza por uma situação histórica global, isto é, o modo de produção que a sociedade percebe como hegemônico, sendo dominante em um determinado tempo histórico, esse modo de produção é dirigido por uma classe de intelectuais. Nas palavras de Grisoni e Maggiore

Existe um bloco histórico, quando se vê realizada a hegemonia de uma classe sobre o conjunto da sociedade [...]. O bloco histórico [...] [deve ser visto] como o complexo de atualização de uma hegemonia determinada numa dada situação histórica [...]. Verifica-se a existência de um bloco histórico precisamente quando, pela hegemonia que exerce, a classe dirigente chega a fazer passar os seus próprios interesses pelos interesses do conjunto do corpo social e a sua visão de mundo - que reflete, justifica e legitima o seu domínio - como a visão universal [...]. Nesse sentido, também parece inútil falar de “bloco histórico dominante”: uma situação histórica pode criar, ou não, um bloco histórico. (apud. MOCHCOVITCH, 1992, p. 43).

Com a noção de bloco histórico Gramsci dá uma nova dimensão à articulação entre as forças materiais e as questões ideológicas, para ele “[...] as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma, e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais” (GRAMSCI, 1995, p. 63). Assim, o pensador sardo vai além da concepção marxista

de estrutura e superestrutura<sup>1</sup>, para Marx a sociedade civil era entendida como um conjunto de relações econômicas, já na interpretação de Gramsci a superestrutura do bloco histórico ganha novos contornos bem mais complexos, sendo composta pela sociedade política e a sociedade civil. A primeira é caracterizada como sendo o aparelho do Estado e tem na coerção sua centralidade, utilizando-se não só da força militar, mas também da força jurídica para garantir a manutenção da ordem estabelecida. Já a sociedade civil é considerada a estrutura ideológica, que é a "direção intelectual e moral", esta "[...] compreende um conjunto dos indivíduos privados e se apresenta como hegemonia cultural e política do grupo social dominante sobre o restante da sociedade" (MOURA; SIMÕES; BENITES, 2002, p.19).

Gramsci (1995) analisa a evolução do bloco histórico, tendo por base o grau de primazia da sociedade civil no seio da superestrutura, isto é, pelo grau de sua hegemonia. Quanto mais a classe dirigente for capaz de manter-se pelo consenso, mais coeso e evoluído se mostra o bloco histórico. Por outro lado, quanto menos expressão tiver a sociedade civil em favor da sociedade política, mais enfraquecido torna-se o bloco histórico. E o enfraquecimento do bloco histórico pode alcançar dimensões que só permitirão sua manutenção pela coerção (ditadura). Tem-se claro que, em qualquer forma de Estado, existem as duas esferas; porém, o fato de um Estado ser mais consensual, ou mais ditatorial, depende da predominância e autonomia de uma das esferas sobre a outra.

A sociedade civil, de acordo com Portelli (2007) pode ser percebida sob três perspectivas que se complementam: como ideologia da classe dominante, que contempla diversas áreas da ideologia, da arte à ciência, abrangendo também o direito, economia, etc., onde são encontrados os mais altos níveis do conhecimento, pois se localizam grande parte dos intelectuais, no campo da classe dirigente.

A ideologia funciona como instrumento de hegemonia da classe dominante, a qual consegue conservar as classes subalternas com uma falsa sensação de liberdade, perpetuando seus princípios capitalistas. Para tanto se utiliza dos aparelhos ideológicos, para disseminar sua

---

<sup>1</sup> Faz-se necessário esclarecer que o fato de Gramsci ampliar a concepção de sociedade civil em relação a Marx não deve ser compreendido como uma contraposição, mas sim como um movimento de superação que está relacionado com o momento histórico vivido por Gramsci. [...] Gramsci vive uma outra situação histórica (e também geográfica) em que os questionamentos dirigem-se à crise do Estado liberal e ao fortalecimento do capitalismo como sistema hegemônico. Esse período põe em cena novas relações sociais que deixam entrever uma crescente socialização da política e, conseqüentemente permitem visualizar a ampliação do fenômeno estatal. [...] É importante salientar que, nessa trajetória, Gramsci não elimina os pressupostos da teoria do Estado de Marx, Engels e Lênin, mas a torna mais rica, na medida que acrescenta a ela novos elementos, novas determinações (SIMIONATTO, 2011, p. 68-69).

ideologia, ou seja, aparelhos técnicos para difundir o pensamento ideológico, como os meios de comunicação, as escolas e as bibliotecas.

Gramsci define a ideologia (1995, p. 16) como uma concepção de mundo, que é difundida em todas as camadas sociais, manifestada implicitamente na arte, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva, com o objetivo de garantir a hegemonia da classe dominante. Dessa forma, cada indivíduo, ao identificar-se com uma concepção de mundo, vai manifestá-la em todas as suas atividades.

Segundo Gramsci (1995), as ideologias não são puras abstrações, mas ao contrário fazem parte do real, isto é são fatos históricos e, por esta razão devem ser denunciados e combatidos em sua natureza de instrumentos de domínio, por razões de luta política, isto é, para destruir uma hegemonia e criar outra, como momento necessário da inversão da práxis. Percebe-se assim que a favor da classe dirigente, a ideologia caracteriza-se como instrumento de domínio, mas a serviço das classes subalternas funciona como trincheira da luta contra hegemônica, pois os homens, ao tomarem consciência da sua posição social e, conseqüentemente, de suas tarefas, no terreno das ideologias, percebem sua força e seu dever.

Para Portelli, (2007, p.14)

O ponto essencial das relações estruturais-superestruturais residem na realidade, no estudo do vínculo que realiza sua unidade. Gramsci qualifica tal vínculo de orgânico. Ora esse vínculo orgânico corresponde a uma organização social concreta: se considerarmos um bloco histórico, isto é, uma situação histórica global, distinguimos aí, por um lado, uma superestrutura ideológica e política. O vínculo orgânico entre esses dois elementos é realizado por certos grupos sociais cuja função é operar não ao nível econômico, mas superestrutural: os intelectuais.

Existem os intelectuais que tem a função decisiva na coesão do bloco histórico, pois são esses que fornecem as representações necessárias para legitimar uma determinada concepção de mundo, sem que seja exercida a força bruta, isto é, pelo consenso. Sendo o papel do intelectual transformar ou reproduzir a concepção de mundo, dependendo do interesse da classe que representa. Dentro desta dinâmica é possível afirmar que os intelectuais são: “[...] funcionários da superestrutura, em nome da classe que representam à qual estão estreitamente vinculados, social e economicamente. O vínculo orgânico entre

estrutura e superestrutura mostra-se, pois, de maneira bem concreta e não somente teórica”.  
(SILVEIRA, 2002, p. 35).

Fica clara, na visão gramsciana, a necessidade que sente cada grupo social fundamental, de elaborar uma ideologia original e difundi-la em todo o corpo social. Porém esta não é difundida de maneira homogênea, sendo mais elaborada nas camadas sociais dirigentes e mais fragmentada entre as culturas populares. Sendo assim, Gramsci distingue diversos graus qualitativos, de acordo com a camada social.

Como concepção de mundo, que enraizada nas camadas sociais para conectar a classe dirigente, adaptável aos mais variados grupos, tem-se o folclore, o senso comum, a religião. Gramsci traz, ainda, a filosofia que para ele seria o nível mais elevado da concepção de mundo, estando vinculada a classe dominante, enquanto o folclore e o senso comum se caracterizam por uma concepção fragmentada e acrítica pertencendo aqueles que o pensador sardo chamou de “simples”.

Gramsci esclarece que o senso comum “[...] é a ‘filosofia dos não filósofos, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio’ (GRAMSCI, 1999, p.114). Diz, ainda, que não existe apenas um senso comum, “[...] apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, conforme a posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia” (GRAMSCI, 1999, p.114).

A superação do senso comum para uma concepção de vida superior não despreza a concepção de mundo dos “simples”, serve de base para que estes se percebam dentro do contexto histórico que estão inseridos. Isso porque, segundo Gramsci (1999) no interior do senso comum existe um núcleo sadio que ele chama de bom senso, Assim, não se trata de desprezar as concepções das classes subalternas, mas, por meio da filosofia da práxis elevá-las criticamente, tornando-as coerentes e unitárias.

Para o pensador sardo a filosofia da *práxis*<sup>2</sup> é, sem dúvida, a mola mestra do movimento revolucionário a favor do proletariado, pois ela “[...] não busca manter os “simples na sua

---

<sup>2</sup> “A filosofia da práxis, expressão que Gramsci usava para iludir a censura fascista da prisão, é, para ele, o materialismo histórico e dialético, que está sempre se reelaborando a partir do corpo teórico produzido por Marx e Engels. A filosofia da práxis se constrói como crítica a todo pensamento precedente, às filosofias e ao universo cultural existente” (MOCHCOVITCH, 1992, p.17).

filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior”. (GRAMSCI, 1999, p. 103).

A filosofia é a crítica e a superação da religião e do senso comum, e nesse sentido, coincide com o “bom senso”, que se contrapõe ao senso comum. (GRAMSCI, 1989, p. 14) e, os intelectuais orgânicos vinculados a classe que vive do trabalho são os responsáveis por difundirem a concepção de mundo revolucionária entre as classes subalternas. Procuram elevar a consciência dispersa e fragmentária das massas ao nível de concepção de mundo coerente e homogênea. São dirigentes e organizadores. Esses intelectuais desenvolvem-se qualitativamente e quantitativamente conforme a massa dos simplórios. Sua função é homogeneizar a concepção de mundo à classe subalterna. A forma mais elevada dessas camadas de intelectuais é o partido político da classe operária, o “intelectual coletivo”.

De acordo com o pensamento gramsciano a atuação desses intelectuais: num primeiro momento é de se repetir os próprios argumentos, pois para o pensador italiano a repetição é a maneira mais didática e eficaz para agir entendimento popular. Em segundo trabalhar permanentemente para elevar intelectualmente as camadas populares, trabalhar na criação de intelectuais que surjam diretamente da massa e permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. Quando a segunda necessidade é satisfatória é que realmente modifica o panorama ideológico de uma determinada época.

Portanto para Gramsci a conscientização de uma visão de mundo mais ampla pelas classes subalternas e a atuação de forma concreta, cria-se uma concepção de mundo contra hegemônica capaz de superar as ideologias, filosofias dominantes existentes e assim concebendo um novo senso comum, este não sendo único, mas consequência da concepção crítica da filosofia da práxis e da luta das classes subalternas.

### **3 CONHECIMENTO COMO INSTRUMENTO DE CONTRA HEGEMONIA**

As determinações das questões estruturais, no âmbito da produção material, minuciosamente abordados pela obra marxista, possibilitaram a Antônio Gramsci, em seu contexto histórico, um aprofundamento teórico do emaranhado das relações no âmbito da superestrutura, que para além das questões estruturais atingem crucialmente todos os contornos da vida humana.

Tendo em vista os pressupostos da teoria gramsciana percebe-se que o pensador sardo atribui ao conhecimento um papel central, um valor de suma importância que pode ser utilizado tanto para alienar o homem, fortalecendo os interesses da classe hegemônica como pode tornar-se campo fecundo de (re) construção de um novo modelo civilizatório, o qual promova a ruptura da ordem hegemônica possibilitada a partir da emancipação da consciência das classes subalternas.

Desse modo, Gramsci afirma que quando não se tem uma análise crítica do conhecimento e da filosofia, a concepção de homem e de mundo construída historicamente, são impregnadas de fatos passados, concepções religiosas, culturais, folclóricas, ou seja, não há uma construção homogênea dos fatos sociais e políticos, estes são desagregados e dissociados corroborando na manifestação de visões de mundo de cunho individualista, a-históricas e acríticas. Segundo Gramsci:

Quando a concepção de mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressiva, preconceitos de todas as fases históricas passadas estreitamente localistas e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado (1999, p. 94).

De acordo com GRAMSCI (1999, p.151) “a filosofia da práxis se realiza no estudo concreto da história passada e na atividade atual de criação de uma nova história”. Possibilita-nos, assim, entender que a produção do conhecimento deve necessariamente perpassar ou se ocupar da problematização, da indagação crítica de situações concretas, da realidade vivida pelo homem a partir de suas relações de produção (econômicas), relações sociais, ideológicas e culturais sendo balizadas pela concepção propositiva da teoria marxista objetivando a superação da realidade social do modelo civilizatório dominante e dirigente.

Segundo Martins (2004) “todo o processo de produção de conhecimento passaria a ser delimitado por problemas prementes da realidade vivida pela própria formação econômica e social, fazendo com que a noção formal, contemplativa, que muitos têm deste processo se transformasse radicalmente”. A disseminação, sedimentação da abordagem contemplativa do conhecimento, está intimamente vinculada à classe hegemônica com vistas à manutenção do

paradigma civilizatório capitalista, visto que, ao tornar essa concepção como consciência coletiva, aceita pela população garante-se a manutenção do bloco histórico pelo consenso.

Segundo Gramsci:

Isto significa que um grupo social, que tem sua própria concepção de mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, de modo descontínuo e ocasional – isto é, quando tal grupo se movimenta como um conjunto orgânico-, toma emprestado a outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual uma concepção que não é a sua. (1999, p. 97).

O que se processa, nesse sentido, é que a classe hegemônica e dirigente ao disseminar as ideologias que constroem as concepções de homem e de mundo das classes subalternas se utilizando dos aparelhos ideológicos (escola, família) garantem que tais concepções sejam desagregadas, descontínuas e ocasionais, fragilizando de forma expressiva qualquer tentativa de transformação ou mudança que contrariem o que é difundido propositalmente pela burguesia. Forjando assim, a construção e sedimentação de consciências alienadas, passivas e o fato mais perverso é que as classes subalternas, não tendo a consciência crítica assumem esses valores, costumes, comportamentos que não são os seus, mas de outra classe - dirigente e hegemônica. Ao analisar profundamente tal conjuntura Gramsci propõe, assim, uma práxis revolucionária que possibilite a superação do bloco histórico hegemônico.

De acordo com sua obra o autor atribui ao conhecimento um caráter ético-político, pois ao longo de seus estudos e produção teórica reconhece a centralidade do conhecimento identificando-o como um dos instrumentos de contra hegemonia se vinculado aos interesses da classe que vive do trabalho<sup>3</sup>.

Em primeiro lugar Gramsci define a necessidade primordial do desenvolvimento tanto individual e como coletivo da consciência crítica, que segundo sua teoria caracteriza-se pelo processo crítico da análise da construção histórica das concepções de homem e de mundo que se tem, sendo assim, GRAMSCI (1999, p. 94) ressalta que é necessário “[...] um ‘conhece-te a

---

<sup>3</sup> *Classe que vive do trabalho* é a expressão usada por Ricardo Antunes (2000) para referir-se à classe trabalhadora que, com a reestruturação produtiva do capital, tornou-se mais complexa, fragmentada e heterogênea, perdendo, de certa forma, aquela identidade materializada no proletariado estável de mão de obra manual. Esse autor argumenta que há uma ampliação da classe trabalhadora, que é constituída de “trabalhadores produtivos”, “trabalhadores improdutivos” e “trabalhadores hifenizados”. Assim, para dar conta dessa metamorfose, tem-se a denominação *classe que vive do trabalho*.

ti mesmo' como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica.”

Ao analisar o conhecimento como instrumento contra hegemônico Gramsci estabelece que seja preciso conhecer, desmistificar e desvendar quais são as visões de mundo das classes subalternas e ao mesmo tempo identificar o modo pelo qual esses processos são socializados e consolidados nas classes sociais para que num segundo momento seja possível criar estratégias de superação da visão de mundo fragmentária e desarticulada das classes subalternas, forjadas pela classe dominante, esse processo caracteriza-se como uma catarse que viabilize a classe subalterna emergir como uma classe para si. (MARTINS, 2008).

Gramsci, no Caderno do Cárcere (11) enfatiza que a “catarse” é utilizada “para indicar a passagem do momento meramente econômico, denominado também de egoístico-passional, ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens” (1999, p. 314).

Nesse sentido, esse momento possibilita uma reforma intelectual e moral da classe subalterna que passaria a assumir princípios que atendam seus interesses e os viabilize serem protagonistas de suas histórias, rejeitando e afrontando assim, valores e comportamentos vinculados aos interesses da classe burguesa, promovendo desse modo a transformação do modelo civilizatório hegemônico. “Isto significa, também, a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade a liberdade”. (GRAMSCI, 1999, p. 314).

Importante ressaltar que nessa proposição o autor não supõe negar a concepção de mundo das classes menos favorecidas, mas sim promover a análise crítica, tencionando a construção da visão de homem e de mundo homogênea e articulada, pois somente a partir da análise crítica minuciosa das inter-relações entre estrutura e superestrutura do bloco histórico hegemônico na perspectiva da totalidade será possível a criação da consciência crítica individual e coletiva das classes subalternas.

Sendo assim, o conhecimento tendo papel central para superação do bloco histórico deve necessariamente ser socializado e construído de acordo com os interesses das camadas populares, pois para (GRAMSCI, 1999) é bem mais importante uma multidão pensar de maneira coerente, crítica e unitária sobre a realidade vivenciada do que a descoberta de um novo conhecimento que permaneça concentrado com uma pequena parcela “pensante” da população.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões explicitadas nesse artigo possibilitam afirmar que a hegemonia como conjunto de funções de domínio e direção, exercidos por uma classe, em um determinado período histórico, sobre as demais classes sociais exerce duas funções: a de domínio e a de direção intelectual e moral, tendo como fatores que possibilitam à dominação: a interiorização da ideologia dominante pelas classes subalternas e a ausência de uma visão de mundo dessas classes subalternas que lhes permita a autonomia.

É nesse contexto que Gramsci propõe a contra hegemonia, a superação da classe dirigente e hegemônica através da filosofia da *práxis* e da apropriação do conhecimento enquanto categoria de centralidade ético-política, essencialmente importante para que a classe subalterna possa ter uma nova visão de mundo, não aquela imposta pela ideologia dominante, mas uma visão crítica, unitária e não fragmentada.

Faz-se necessário lembrar que o alcance desta concepção de mundo só se torna possível quando os sujeitos “se conhecem a si mesmos”, isto é, percebem o papel que desempenham no contexto em que estão inseridos, tomando consciência da sua função na manutenção do modelo civilizatório vigente e, da possibilidade de assumirem-se como sujeitos da sua própria história, buscando assim novos rumos civilizatórios.

Ressalta-se, porém que esta tomada de consciência, isto é a passagem do senso comum ao senso crítico não se dá naturalmente, para tanto a figura do intelectual orgânico vinculado a classe que vive do trabalho é de vital importância, este a partir de uma perspectiva propositiva, de transformação social, na qual não existe a neutralidade busca contribuir na construção deste processo que é cultural e requer organização e sistematização.

Nessa perspectiva o papel do intelectual torna-se de extrema relevância, uma vez que em sintonia com o materialismo histórico dialético, investe em uma concepção de conhecimento não doutrinário, mas que esteja a serviço da transformação social. Assim, compreender o papel ético-político do conhecimento é ponto fundamental para a construção de um sujeito crítico e criativo engajado na construção de um novo modelo civilizatório.

#### REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. L. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1999. 1.v
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- MARTINS, Francisco Martins. **O valor Pedagógico e ético-político do conhecimento para a “filosofia da transformação” de Gramsci e sua relação com o marxismo originário**. 2004. 312f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas, Campinas, 2004.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- MINASI, Luís Fernando et al. **A categoria do bloco histórico em Atnônio Gramsci: apontamentos, estudos e reflexões**. Rio Grande: Minasi, 2012.
- MOURA, Danieli Veleda; SIMÕES, Christian da Silva. A superestrutura do bloco histórico em Antônio Gramsci: sociedade política e sociedade civil. p.17-32. In: MINASI, Luís Fernando et al. **A categoria do bloco histórico em Atnônio Gramsci: apontamentos, estudos e reflexões**. Rio Grande: Minasi, 2012.
- PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- SILVEIRA, Bruno Xavier. A relação entre estrutura e superestrutura no seio do bloco histórico. In: MINASI, Luís Fernando et al. **A categoria do bloco histórico em Atnônio Gramsci: apontamentos, estudos e reflexões**. Rio Grande: Minasi, 2012.
- SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.